

SOBRE OS CUIDADOS DO CORPO E DO ESPÍRITO EM LIVROS DE ENSINO RELIGIOSO: DA ESTÉTICA CORPORAL AOS SIMBOLISMOS RITUAIS¹

Milton Silva dos Santos²
Ana Carolina Capellini Rigoni³

Resumo: Integrados ao universo da cultura escolar, os livros didáticos, ou manuais escolares, revelam-se não apenas como objetos facilitadores do processo de ensino-aprendizagem, mas também como *mídias de massa* e suportes pedagógicos atravessados por representações sociais. Daí o interesse deste artigo, que tem como tema central a forma como tem sido construída a intersecção entre corpo e religião em apostilas e coleções de livros didáticos dirigidos aos alunos e professores de ensino religioso (ER). Se as religiões baseiam-se num conjunto de concepções morais, regras de comportamento, ideologias etc., e o corpo é produtor de sentido por meio do qual se reconhecem pertencimentos culturais, práticas sociais e experiências religiosas, haverá uma moralidade orientando as representações sobre o corpo nos materiais didáticos para o ER? Este é um dos pontos que norteiam a análise aqui centrada, sobretudo, nas coleções de ER das editoras Ática, Scipione, Moderna e Vozes.

Palavras-chave: Corpo; Religião; Estética corporal.

Abstract: Integrated to the universe of the school culture, textbooks, or books, are revealed not only as facilitators objects of the teaching-learning process, but also as *mass media* and pedagogical supports crossed by social representations. Hence the interest of this article, which has as main theme the way it has been built the intersection between body and religion in handouts and collections of textbooks aimed at students and teachers of religious education (RE). If religions are based on a set of moral conceptions, rules of behavior, ideologies, etc., and the body is

¹ Agradecemos as leituras, os comentários e as sugestões bibliográficas de Matheus Costa Oliva e Hellen Fonseca.

² Doutorando em Antropologia Social (UNICAMP). Contato: miltonrpc@gmail.com

³ Doutora em Educação Física (UNICAMP). Contato: anacarolinarigoni@yahoo.com.br

the producer of sense through which recognize cultural affiliations, social practices and religious experiences, there will be a guiding morality representations of the body in collection of textbook for the ER? This is one of the points that guide the analysis here focused mostly on ER collections of Ática publishers, Scipione, Moderna and Vozes.

Keywords: Body; Religion; Body Aesthetics.

INTRODUÇÃO

*Não é à consciência que o sujeito
está condenado, mas ao corpo [...].*

J. Lacan

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDBEN/1996), entre outros dispositivos legais, determinam que o ensino religioso (ER) seja oferecido dentro do horário normal das escolas públicas de ensino fundamental, não sendo obrigatório oferecê-lo no Ensino Médio. Ao contrário das demais matérias do currículo escolar obrigatório, o ER é uma disciplina facultativa ao aluno, “parte da formação básica do cidadão”, que visa a assegurar o respeito à diversidade religiosa brasileira, mas proíbe todas as formas de proselitismo e doutrinação. Para além do “processo de escolarização” do ER (Junqueira, 2002), das tensões e polêmicas em torno da sua permanência nas redes públicas de ensino, que já foram suficientemente discutidas por vários autores (Carneiro, 2004; Dickie; Lui, 2007; Giumbelli, 2008; entre outros), interessam-nos os discursos que têm norteados a produção de livros didáticos de ER em circulação nacional, bem como os conteúdos relativos ao ensino das religiões possivelmente ministrados em sala de aula.

Cabe aqui ressaltar que os livros didáticos, entre outras mídias pedagógicas (escritas, orais, iconográficas etc.), são responsáveis pela difusão de “[...] conteúdos reveladores de representações e valores predominantes num certo período de uma sociedade” e permitem compreender a “história do

pensamento e das [nossas] práticas educativas” (Corrêa, 2000, p. 12). Trata-se, portanto, de um “objeto cultural complexo” (Morand, 2012, p. 67), cujos discursos e narrativas visuais constituem objetos de pesquisa nos campos da Educação e da História, mas raramente nas Ciências Sociais.

Assim nasceu a proposta deste artigo que, baseado no pensamento socioantropológico, visa a apresentar os resultados de uma reflexão sobre os sentidos evocados e/ou atribuídos à noção de corpo e à forma como tem sido concebida a intersecção entre corpo e religião numa amostragem de livros didáticos de ER (manuais para análise do professor)⁴ e nas apostilas, de orientação salesiana, dirigidas aos professores e alunos do Ensino Médio. Procuramos observar o número de vezes em que a expressão “corpo” aparece como tema principal e/ou secundário de um determinado capítulo, texto de leitura complementar ou das variadas seções que acompanham as unidades temáticas de cada volume consultado.

Após uma leitura preliminar do material reunido, decidimos trabalhar com os volumes enumerados no quadro a seguir, que abordam diretamente o binômio corpo/religião:

Tabela 1 - Livros didáticos de ensino religioso (amostra examinada).

Livro	Título e autor	Série/Ano, Volume	Editora	Ano
1	De mãos dadas Amélia Scheneiders e Avelino Antonio Correa	6ª série (7º ano)	Scipione	2007
2	Ensino Religioso Escolar: Proposta Inspetorial Salesiana Minervina Menezes	1ª série (Ensino Médio)	Companhia da Escola	s/d

Continua...

⁴ Através de e-mails, telefonemas e contatos com os editores, organizadores e divulgadores, recebemos as doações das coleções de ER das editoras Ática, Scipione, FTD, Moderna, Vozes, Paulinas, Editora do Brasil, Companhia da Escola, Global e Rideel. Parte desse material foi doada para a Biblioteca “Prof. Joel Martins”, Faculdade de Educação, UNICAMP.

Continuação

Livro	Título e autor	Série/Ano, Volume	Editora	Ano
3	Entre amigos Obra coletiva e organizada pela própria editora	7ª série (8º ano)	Moderna	2009
4	Redescobrimo o universo religioso Marcos Sidney Pereira	3ª série (4º ano, vol. 4)	Vozes	2012
5	Redescobrimo o universo religioso Adecir Pozzer	5ª série (6º ano, vol. 6)	Vozes	2011
6	Redescobrimo o universo religioso Adecir Pozzer	7ª série (8º ano, vol. 8)	Vozes	2011
7	Redescobrimo o universo religioso Adecir Pozzer	8ª série (9º ano, vol. 9)	Vozes	2011
8	Todos os jeitos de crer Dora Incontri e Alessandro Cesar Bigheto	5ª série (6º ano) vol. 1 (Vidas)	Ática	2010
9	Todos os jeitos de crer Dora Incontri e Alessandro Cesar Bigheto	7ª série (8º ano) vol. 3 (Tradições)	Ática	2010
10	Todos os jeitos de crer Dora Incontri e Alessandro Cesar Bigheto	8ª série (9º ano) vol. 4 (Ideias)	Ática	2010

Fonte: Os autores (2014).⁵

⁵ Para deixar a leitura mais fluida, as menções ou citações literalmente extraídas dos livros didáticos de ER aqui relacionados e tratados, na análise, como fontes, seguiram o seguinte formato: “Livro 1”, “Livro 2” e assim sucessivamente, seguidas das seções de onde foram extraídas e das páginas consultadas. As referências completas do material didático selecionado podem ser consultadas no final do artigo.

Esses títulos não tratam exclusivamente dos elementos (transcendência, sagrado/profano, crença, fé, mito, rito etc.), das origens históricas, dos símbolos, costumes, comportamentos, princípios ético-morais etc., associados às variadas formas religiosas coexistentes no mundo. Além destes aspectos, é possível conferir, em seus sumários, uma variedade temática não limitada ao campo da ética religiosa – ainda que, de fato, alguns autores avaliem certos temas segundo critérios religiosos, ou melhor, cristãos. Dentre os conteúdos discutidos em tais fontes, destacam-se os debates entre fé e ciência; as polêmicas entre religião e Estado laico; pesquisas com células tronco; legalização do aborto; sexo e gravidez na adolescência, entre outros assuntos correntes na sociedade mais ampla.

Como já se destacou anteriormente, o ER laico deve respeitar a diversidade cultural e religiosa brasileira e evitar todas as formas de doutrinação e proselitismo. Assim sendo, os livros listados anteriormente dificilmente poderiam alcançar as escolas públicas do país. Em detrimento das demais religiões, é perceptível a feição católica que caracteriza algumas coleções, ou mesmo a ênfase na tradição judaico-cristã assumida por alguns autores e organizadores. Por exemplo, na apresentação ao “Car@ aluno”, os organizadores dos volumes de *Entre amigos* (Moderna) afirmam que a coleção propõe uma aprendizagem pautada na convivência, no respeito, no diálogo com as diferenças e na tolerância diante da diversidade e da pluralidade cultural que caracterizam as sociedades modernas. Ainda que se alicerce em conceitos oriundos da história, sociologia e “antropologia religiosa”, a coleção sustenta-se em documentos aprovados no Concílio Vaticano II, em princípios da ética e da moral cristã, nos ensinamentos e na doutrina social da Igreja.

Os autores dos exemplares *De mãos dadas* (Scipione) propõem trabalhar com “temas transversais e possibilidades de interdisciplinaridade” e frisam que, apesar da reformulação, a coleção manteve suas características já reconhecidas. Isto inclui abordagens de assuntos relacionados ao fenômeno religioso, “[...] que se manifesta em praticamente todas as culturas e define-se pela necessidade do Transcendente (chamado Deus, Alá e outras denominações) [...]” e também reúne conteúdos a respeito da pluralidade

cultural e religiosa, solidariedade, diálogo e “[...] preparação para a cidadania, propósito que deve ser valorizado em todas as áreas do ensino fundamental” (Livro 1, Assessoria pedagógica, p. 3).

Já Incontri e Bigheto, autores da coleção *Todos os jeitos de crer* (Ática), ambicionam “[...] inaugurar um novo caminho para o Ensino Religioso: o do Ensino Inter-Religioso”. O intuito não é discutir as diferentes práticas religiosas isoladamente, mas “[...] estabelecer um diálogo entre as diferentes maneiras de ver o mundo, mostrando paralelos, encontrando conexões” (Livro 8, Manual do professor, p. 3). Embora não privilegiem nem discriminem nenhuma corrente religiosa, e sem pretensões de convencer os alunos a seguirem esta ou aquela “forma de fé”, os autores empregam, assumidamente, mais citações e referências oriundas do cristianismo. Trata-se, justificam, da “tradição cultural” na qual a maioria dos brasileiros está inserida.

Presume-se, portanto, que essas e outras coleções didáticas de ER tenham distribuição limitada e, ao menos oficialmente, restrita às escolas ou redes de ensino privadas ou confessionais. Aliás, ao contrário dos livros didáticos das disciplinas do currículo básico (português, matemática, história etc.), os de ER não são avaliados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), nem distribuídos para as escolas públicas do país.⁶ Assim, é preciso cautela em relação ao argumento de Diniz e Lionço quando sugerem que os livros de ER publicados pelas editoras que mais distribuem os livros adotados pelo governo federal (FTD, Ática, Saraiva, Moderna etc.) são “potencialmente os de maior uso em escolas privadas ou *públicas*” (Diniz; Lionço, 2010, p. 65; grifo nosso).

⁶ Não há distribuição de livros didáticos de ER pelo Ministério da Educação e tampouco existem diretrizes curriculares nacionais para “Educação Religiosa” – nomenclatura adotada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). A definição dos conteúdos, a habilitação e admissão dos professores de ER são atribuições dos Estados e municípios. Supõe-se que essa ausência de diretrizes curriculares visa a garantir a abordagem local ou regionalizada da pluralidade religiosa brasileira.

CORPO E RELIGIOSIDADE

Pensar em religiosidade pressupõe, de algum modo, pensar em gestão corporal. Uma vez que, ao longo da história, as instituições religiosas, ainda que centradas num discurso sobre a salvação das almas, sempre privilegiaram os ensinamentos sobre os cuidados com o corpo e com os comportamentos. Nesse sentido, é necessário entendermos, embora brevemente, como o conceito de corpo se modificou nos últimos anos, influenciando, em grande medida, na própria transformação dos conceitos religiosos sobre seus “usos”. É inegável a expressividade das afirmações de Mauss (2003), em seu ensaio de 1936, ao pensar num “Homem Total” e em suas “técnicas corporais”.

Ao relacionar as esferas biológica, psicológica e social no que diz respeito ao que ele chamou de “usos do corpo”, Mauss (2003) defende a ideia de que toda técnica corporal é tradicional. Para ele, o corpo humano é, ao mesmo tempo, matéria-prima e ferramenta da cultura, o que o leva a afirmar que não é possível encontrar um modo natural no adulto. Para Mauss (2003), nossos gestos mais “naturais” são fabricados por normas coletivas. Há uma construção social do corpo e do gesto, mas que se impõem de modo diferenciado a cada indivíduo, de acordo com suas condições de estar no mundo. Se a proposta de Mauss (2003), há quase cem anos, era pensar num homem de forma totalizante, parece que os nossos esforços não foram suficientes para alcançarmos o intento do autor.

Mary Douglas (1973), já na década de 1970, falando sobre os “símbolos naturais”, desenvolve os argumentos de Mauss. Segundo Almeida (2004), o “durkheimianismo” de Douglas desemboca na elaboração de uma antropologia do corpo baseada em análises dos usos metafóricos dos símbolos na reprodução da ordem social, o que resulta num tipo de análise que acaba por definir sistemas de classificação.

Ainda de acordo com Almeida (2004), é contrariando a ideia de cultura como algo superorgânico que Jackson (1989) afirma que a subjetividade está localizada no corpo. Baseado em ideias fenomenológicas, ele contraria a posição simbolista e diz que o corpo não se limita a refletir a sociedade. No

sentido oposto ao de Durkheim e Douglas, o que Jackson está propondo é que possamos compreender que aquilo que permite a vida em comum entre os homens se dá num envolvimento que é, ao mesmo tempo, prático e sensual. Nesse sentido, Jackson contraria a ideia de corpo como mero local de inscrição, típico pensamento durkheiminiano.

Com relação a estas visões deterministas, Bourdieu (2003, p. 32) fala sobre a evidência da “individuação biológica” que impede de vermos que a sociedade existe sob formas inseparáveis. Para o autor, há

[...] de um lado as instituições que podem revestir a forma de coisas físicas, monumentos, livros, instrumentos, etc.; do outro as disposições adquiridas, as maneiras duradouras de ser ou de fazer que encarnam em corpos (e a que eu chamo de *habitus*). O corpo socializado (aquilo a que se chama o indivíduo ou a pessoa) não se opõe à sociedade: é uma de suas formas de existência.

Para Bourdieu, nós aprendemos pelo corpo, no qual a ordem social inscreve-se por meio de confrontos permanentes, ou seja, ela se dá na ordem da razão prática (coletiva e individual).

O antropólogo francês David Le Breton (2011; 2008), apesar de aproximar-se de um pensamento foucaultiano, parece compactuar, inúmeras vezes ao longo de sua vasta produção em antropologia do corpo, com a noção de “corpo socializado”. Apropriando-se de uma linguagem diferente, ele expressa, de forma semelhante à de Bourdieu, a ideia de que o corpo encarna o social. Tomando o corpo como fio condutor de sua abordagem, Le Breton (2011) inicia seu livro *Antropologia do corpo e modernidade* afirmando que viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, numa construção que coloca sempre em relação o individual e o coletivo.

Ainda que nossas análises fundamentem-se, basicamente, num tipo de abordagem antropológica, achamos necessário conceituar, mesmo que de forma breve, o corpo de acordo com a visão histórica. Em seu texto intitulado *A carne e o verbo*, Gleyse (2007, p. 5) fala sobre a maneira como as palavras agem sobre a carne. “Toda a antropologia nos mostra como aquilo

que é dito e construído pela linguagem age sobre o corpo”. Se para Gleyse somos frutos da linguagem e nossos comportamentos são cotidianamente prescritos pelo verbo, a educação de nossos corpos está intimamente relacionada às tradições orais que fazem parte de nosso cotidiano. Dentre essas tradições, sem dúvida, a esfera religiosa é bastante significativa. Rica de oralidade, sermões e lições, as religiões são fontes de linguagem altamente significativas na educação do corpo de seus frequentadores.

Gleyse (2007) também comenta sobre os inúmeros interditos que se encontram nos livros sagrados como na Bíblia, no Corão, em obras do budismo e do hinduísmo etc. É possível encontrar nessas obras interditos alimentares, de vestimentas, de comportamentos etc.

[...] pode-se perguntar porque, justamente na Bíblia, os condenados estão à *esquerda*, lá em *baixo*, e os eleitos no *alto*, à *direita*? [...] Por que os habitantes das Índias Orientais utilizam a mão direita para comer e a mão esquerda (a mão suja) para enxugar/limpar as partes íntimas? (Gleyse, 2007, p. 8, grifos do autor).

Há que se considerar que os referenciais religiosos muitas vezes hierarquizaram as partes dos corpos, classificando algumas como “nobres” e outras como “indignas”. O corpo sempre esteve “no cruzamento do invólucro individualizado com a experiência social, da referência subjetiva com a norma coletiva” (Vigarello, 2009, p. 11). Nesse sentido, o corpo é o lugar de um lento trabalho de repressão, no qual a religião sempre ocupou lugar central. Estes controles corporais são lentamente elaborados, mas rapidamente esquecidos, a ponto de serem tomados como naturais num processo de “incorporação”, no qual interdições e transgressões se apresentam no cerne do corpo.

Outro exemplo para pensarmos a respeito da educação corporal é o estudo feito por Hertz (1980) e publicado originalmente em 1960, sobre a preeminência da mão direita. Em seu estudo sobre a polaridade religiosa, Hertz tratava sobre a preeminência da mão direita como um campo de demonstração, no próprio corpo humano, da diferenciação entre o sagrado e o profano, que, segundo ele, eram os princípios básicos da religião. O

autor demonstra que a simples diferenciação entre a mão esquerda e a mão direita, longe de ser natural, está carregada de significados culturais. Nesse sentido, o discurso religioso inscreve-se na carne ao longo da história.

Se as instituições religiosas sempre “marcaram” os corpos ao longo da história, atualmente, as relações do homem contemporâneo com seu corpo mudaram de forma. Os “usos do corpo” foram, cada vez mais, saindo da esfera pública e tornando-se cada vez mais individuais. Como afirma Le Breton (2008), nós somos convidados a construir nossos corpos, conservar suas formas, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade. Nesse sentido, a religião parece perder força e suas proibições passam a ser ressignificadas pelo fiel. Esforços sempre foram empreendidos pelas instituições religiosas na tentativa de exercer controle sobre os corpos e comportamentos de seus fiéis. Conhecimentos sistematizados são repassados aos sujeitos em diversas instâncias. Seja na igreja, durante o culto ou a evangelização, seja nos encontros promovidos pelos membros da comunidade religiosa, seja através de manuais como são, por exemplo, os livros didáticos selecionados por nós para a análise, as instituições religiosas sempre buscam meios de agenciar os conhecimentos sobre corpo.

Ainda que estejamos falando de uma educação que em nível público é laica, sabemos que a laicidade só existe no papel. Segundo Rigoni (2013), basta passarmos um tempo na escola para notarmos diversos tipos de proselitismo religioso acontecendo.

Professores que insistem em fazer orações no início das aulas, festejos notadamente católicos (ou cristãos de forma geral) que são comemorados envolvendo performances de alunos que nem sempre possuem as mesmas crenças. Vemos, ainda, zeladores e inspetores de alunos dando broncas nas crianças e adolescentes por causa de suas travessuras, utilizando o nome do Deus cristão e a ameaça frequente que este possui olhos que tudo vê (Rigoni, 2003, p. 133).

Se, por um lado, a escola é laica, por outro, a constituição garante-nos o direito à liberdade de crença. Não esqueçamos, como afirma Cunha (2000), que a base para a implementação da escola moderna é justamente a ruptura

com a Igreja e com a família. É claro que este projeto de “laicização” da escola inclui uma série de transformações no modo como o corpo é visto e entendido. Livre dos desígnios religiosos, agora sob a tutela da razão, aspectos diretamente relacionados ao corpo, como alimentação, sono, banho, roupas, recreios, ginástica, percepções e, inclusive, as excreções corporais, passam a ser regidos pela escola.

Ainda que a escola moderna tenha nascido com a pretensão de laicidade, vinculada à razão ocidental, que ingenuamente buscava a homogeneidade dos alunos, na prática, ela continua heterogênea e diversificadamente religiosa. Mais do que isso, antes desta educação religiosa permanecer apenas na esfera privada, ela invade os portões da escola e se faz ver nos corpos dos alunos das formas mais variadas. Entender que as normas de conduta propagadas pelas instituições religiosas se transformaram não é motivo para acharmos que elas não exercem mais poder sobre os sujeitos e sobre a escola. Como afirma Rigoni (2013, p. 137), se muitas vezes percebemos certo “proselitismo” religioso se fazendo presente de forma indireta na escola, em outras vezes, temos exemplos bastante diretos, como são os casos dos livros didáticos aqui analisados. Assim, tendo em vista todas as mudanças no que se refere aos conceitos de corpo e de seus “usos” ao longo do tempo, quais são os sentidos evocados e/ou atribuídos ao corpo nos ensinamentos reunidos nos livros de ER atuais? O que buscamos demonstrar, a seguir, foram os tipos de abordagens sobre o corpo utilizadas nos livros de ER e o que estes ensinamentos tentam agenciar em termos de comportamento.

ENSINO RELIGIOSO E ESTÉTICA CORPORAL

Em seu *Dicionário nada convencional*, Renk (2000, p. 59-61) assinala que a “ditadura estética” caracteriza-se pelos padrões de beleza impostos numa certa sociedade, mas que podem variar de uma cultura para outra ou no interior de um mesmo grupo. Dentre os exemplos possíveis, a autora destaca três: a prática que obrigava as mulheres chinesas a calçarem sapatos

que lhes (de)formavam seus “pés de lótus”; o alongamento do pescoço entre as “mulheres-girafas” e o uso do espartilho – um rígido acessório que comprime as cinturas e acentua as ancas femininas. Na atualidade, renovaram-se os ideais e artifícios estéticos que continuam a seduzir os indivíduos insatisfeitos com suas medidas ou silhuetas. Não é à toa que este é um dos temas recorrentes nos livros didáticos de ER.

Em *Por que amar a Deus em primeiro lugar?*, cujo mote é a busca pela felicidade, Correa e Schneiders (Livro 1, p. 158-160) regressam à antiguidade clássica, a fim de evocar as perigosas sereias da mitologia grega que “[...] atraíam os navegantes com seus cantos maviosos [...]” e depois os devoravam. Segundo eles, os “perigos da vida” persistem na atualidade, porém disfarçados com outros nomes. Citam o exemplo de propagandas que, assim como as “capciosas sereias”, atraem consumidores através de seus “encantos” e com seus “efeitos enganosos”, arrastam as pessoas “por um falso caminho de felicidade”. Para explicitar essa passagem, eles mencionam o trecho de um texto do cientista da religião Jung Mo Sung cuja ilustração traz uma adolescente, com ar desapontado, tentando vestir uma calça que não lhe serve. “A calça não é mais feita para pessoas, mas as pessoas para as calças! Aonde chegaremos com essa inversão?!” interroga Sung, citado por Correa e Schneiders (Livro 1, p. 159-160).

Essa “ideologia da magreza” é assunto retomado por Incontri e Bigheto, que também recorrem à antiguidade clássica (e à publicidade) agora associada aos olímpicos gregos. Estes, por meio de uma rígida disciplina, valorizavam a prática esportiva e os “corpos perfeitos”, “fortes”, aptos para enfrentar a guerra. O que se caracterizava como um verdadeiro culto à beleza corporal, “[...] foi retomado no século XIV, com o Renascimento, e chegou ao extremo dos dias de hoje” (Livro 9, p. 50-51).

Tal extremo pode ser ilustrado num capítulo de *Entre amigos*, que exhibe a imagem de uma mulher, branca, esguia, vestindo bermuda e regata, cujo espelho a projeta como se fosse *gorda*. Em certos períodos da nossa história, diz o texto:

[...] o corpo foi considerado cárcere da alma, [...], sede do sofrimento por que passam os seres humanos. Por essa razão, não era incomum algumas pessoas cultivarem o desprezo e o maltrato do corpo, chegando muitas vezes a flagelá-lo e até mutilá-lo. Nessa época, as pessoas devotavam o bem e o belo ao espírito, à alma; e o mal, aquilo que corrompe a alma e o feio eram devotados ao corpo (Livro 3, p. 11).

Atualmente, esse comportamento inverteu-se, creem os autores, pois vivemos numa época de “apelos ao narcisismo” estimulados pelos meios midiáticos, pelas passarelas de moda, da estética de modelos, atores e celebridades. “A estética da magreza, do bisturi e do silicone contempla homens e mulheres, jovens ou não, em busca da beleza e da eterna juventude” (Livro 3, p. 11). Essa estética, avaliam, tem causado frustração entre os jovens, bulimia, anorexia, práticas de mutilação e, até mesmo, mortes noticiadas em jornais.

Nesse mesmo caminho, Pozzer⁷ trata, no nono volume de *Redescobrimdo o universo religioso*, dos modos como as “Tradições Religiosas” lidam com os “distúrbios”, “transtornos”, “doenças” e “comportamento autodestrutivo” (Livro 7, p. 42-47). Para ilustrar o argumento sobre esses “males” da vida moderna, o texto reproduz a imagem fotográfica de uma mulher, *sarada*, de *top* vermelho, fita métrica na mão, medindo o abdome *tanquinho*, quiçá insatisfeita com a silhueta adquirida. Uma segunda imagem exhibe um homem deitado numa maca, passando por um desses modernos tratamentos de estética facial. Na mesma página, uma última ilustração mostra um rapaz seminu, másculo, bronzeado, admirando os próprios bíceps diante de um enorme espelho. Na vida real, segundo o autor, ele seria portador de “vigorexia” (culto excessivo à própria imagem) ou “síndrome de Adônis”, “deus grego de grande beleza física”. Anorexia e vigorexia são transtornos disfórmicos

⁷ Adecir Pozzer foi coordenador (2010-2012) do Fórum Permanente para o Ensino Religioso (FONAPER), associação civil sediada em Florianópolis (SC), de âmbito nacional, sem vínculo político-partidário e confessional, que agrega pessoas identificadas com o ER livre de discriminação de qualquer natureza. Disponível em: <<http://www.fonaper.com.br/apresentacao.php>>. Acesso em: out. 2013.

corporais, acrescenta Pozzer, “[...] podendo ter características semelhantes ao *transtorno obsessivo compulsivo*” (Livro 7, p. 43-44, grifos do autor).

Essa atitude narcísica diante do corpo é a marca mais evidente da “corpolatria”, destaca Menezes em sua apostila de *Ensino religioso escolar*. A autora abre o capítulo *Corporeidade* com a interrogação eternizada pela bruxa de Branca de Neve e os Sete Anões. “Espelho, espelho meu...”. Ao desdobrar a velha pergunta, Menezes propõe dois questionamentos: “Será o meu corpo o santuário da minha fé?”. “Será o meu corpo o meu melhor e mais interessante atributo?”. Ela afirma que o corpo “é algo concreto” e tal concretude se evidencia nos “corpos humanos”. Daí que todas as reflexões relativas ao “[...] corpo nos levam a perceber que a vida humana não é uma simples ideia ou conceito, uma abstração”. O homem é “corpo e mente”, uma “totalidade corporificada” (Livro 2, p. 19). Nessa direção, há uma sintonia, uma unidade, entre corpo e mente.

Ao retomar a relação entre “Religião e corpolatria”, Menezes sugere duas comparações curiosas. Recorda que a religião precisa de milagres e a corpolatria tem milagres para oferecer. Assim como a religião, a corpolatria requer “sacrifício” e “penitência”. Quem deseja “[...] alcançar a graça pretendida [...]”, precisa “[...] suar horas seguidas diante do espelho, estirar os músculos sem gemer de dor, emplastar os cabelos com gel, mastigar cem vezes um arroz duro e insosso, jejuar, admirar-se em muitos espelhos que reflitam o quanto você é *‘belo’*” (Livro 2, p. 20, grifo da autora).

Se, antes, “[...] a razão era o céu, o corpo, o inferno [...]”, agora a “[...] razão passou a ser o inferno e o corpo, o céu”. Exemplo disso nós temos em Madalena e Roberta Close, acrescenta Menezes (Livro 2, p. 22). A primeira “[...] abandonou os prazeres do corpo, arrependeu-se do pecado, encontrou-se consigo mesma [...]”, ao passo que Roberta Close “[...] assumiu-se, posou nu [sic], transformou-se em musa [transexual]”. Ambas “[...] assumiram seu verdadeiro destino, a primeira vestindo-se e o segundo [sic] despindo-se” (Livro 2, p. 20). Após essa comparação pitoresca, Menezes,

ao citar Coríntios⁸, adverte que cabe ao cristão “[...] discernir o que leva ao crescimento e à realização da pessoa humana [...]”; na condição de ser “[...] que foi resgatado por Cristo para viver a liberdade [...]”, ele “[...] não deve deixar-se escravizar de novo, nem mesmo pelo próprio corpo, muitas vezes injuriando este mesmo corpo [...]” (Livro 2, p. 22). O corpo, nesse caso, possui uma conotação negativa estando, até mesmo, inserido num discurso de tom catequético. A preocupação do sujeito com o próprio corpo é bem vista sobretudo quando associada aos cuidados com a saúde. Neste exemplo do livro, vence a noção cristã, isto é, a de um corpo sem pecado, casto, puro.

No mundo contemporâneo, no qual em grande parte dos casos a preocupação anterior de salvar a alma é substituída pela preocupação em salvar os corpos da desgraça da rejeição social, um trecho como esse, num livro escolar, demonstra a intenção de “salvar” um ensinamento que faz parte das preocupações pertencentes à esfera religiosa. O exemplo de Roberta Close foi utilizado porque, para a Igreja, transformações como estas e de outros gêneros ainda significavam alterar a obra do Criador, que modelou seus filhos à sua imagem e semelhança. No entanto, essas preocupações alteram-se e se aceleram de tal modo no mundo contemporâneo que a própria Igreja teve que se redefinir, reconsiderando a “antiga” forma de educação que visava apenas à alma. É preciso pensar nos sujeitos também em relação às suas corporalidades. Porém, para fazer jus às convicções teológicas, é preciso encontrar um “meio termo”, no qual, em meio às preocupações exacerbadas com o corpo, os sujeitos achem uma brecha para as preocupações com a alma. As religiões não podem negar seus princípios básicos, mas também não podem “fechar os olhos” para as marcadas transformações que ocorreram no mundo, notadamente ao longo do último século. Nesse sentido, para defender seus princípios, sem correr o risco de ser negada por aqueles

⁸ “Ou vocês não sabem que o seu corpo é templo do Espírito Santo, que está em vocês e lhes foi dado por Deus? Vocês já não pertencem a si mesmos” (I Cor 6, 19) (Livro 2, p. 22).

que já aderiram aos “cuidados com o corpo”, as religiões precisam construir estratégias que mediem teologia e prática⁹.

Quem cuida apenas do corpo, em prejuízo do “espírito” e da “inteligência”, “[...] pode ficar alienado ou com a mente ‘oca’, ou seja, ‘sem conteúdo’. Uma forma corporal musculosa ou ‘perfeita’ não traz ‘felicidade e realização ao ser humano’” (Livro 10, p. 85). Esta parece ser a forma que os livros didáticos de ER encontraram para mediar esta inversão que ocorre em relação aos cuidados do corpo e da alma. Trata-se de assumir que a busca por corpos “perfeitos” é algo dado, mas que isso não basta.

Daí a coincidência entre os autores: é preciso cuidar do espírito e prestar atenção ao corpo, não maltratá-lo com excessos de trabalho, comida, ingestão de bebidas alcoólicas, fumo e outras substâncias causadoras de doenças ou da morte precoce. É preciso mediar esses cuidados de modo que não se negue o corpo, mas também não se abandonem alguns princípios religiosos.

POSSESSÃO RITUAL E FINITUDE DO CORPO

Sem desmerecer as anatomias, estruturas, funções mecânicas do corpo humano etc., há uma segunda abordagem nos livros selecionados voltada à expressividade do corpo – agora idolatrado, pois tratado como um altar vivo – em cultos de transe mediúnicos ou possessão, em ritos de passagem, cerimônias de purificação, entre outras práticas religiosas. Tal perspectiva pode parecer distante das percepções anteriormente relatadas, mais debruçadas sobre os efeitos dos padrões estéticos valorizados nas sociedades atuais.

Embora os autores dos manuais analisados não enfatizem este aspecto comparativo, a noção de corpo como “instrumento de culto e louvor” pode ser observada em diferentes religiões. No candomblé, culto afro-brasileiro abordado, sobretudo, nas coleções de ER das editoras Ática e Vozes, o corpo humano é concebido como receptáculo, habitação ou *morada temporária*

⁹ Trata-se do argumento central do italiano Nicolas Gasbarro (2006), quando este cunha o conceito de “ortoprática”.

dos deuses. Em comum com as práticas afro-religiosas e xamânicas (pajelança), as técnicas corporais utilizadas na Renovação Católica Carismática (canto, gestos, danças, glossolalia, “dons do espírito” etc.) “[...] têm, como finalidades principais, o louvor a Deus e a obtenção do contato íntimo com a divindade” (Maués, 2003, p. 15).

Em tais situações, o corpo deve ser um instrumento sadio, limpo, digno de respeito e cuidados não apenas corporais, mas também a observância de certos tabus (alimentares, sexuais etc.) que visam a contribuir “na realização da experiência religiosa e na construção do *bem-viver*”, conclui Pozzer (Livro 7, p. 13, grifo do autor). Uma vez que o corpo representa uma totalidade, proíbe-se a sua banalização, escravização e exploração que possa “[...] atentar contra a dignidade da pessoa humana [...]”, avalia o mesmo autor, um dos únicos que trata, explicitamente, do lugar do corpo nas *Tradições Religiosas* indígenas e afro-brasileiras (Livro 7, p. 44). Essas tradições, bem como a islâmica, a wicca e outras mencionadas pelo autor, são religiões que se revelam, individual ou coletivamente, nas vestimentas, posturas, nos gestos, nas pinturas corporais, nos objetos (terços, colares, pingentes etc.), cortes de cabelo etc., que distinguem identidades e práticas religiosas. Nas “Tradições Indígenas”, exemplificadas por Pozzer de maneira um tanto genérica, os adolescentes e os jovens pintam seus corpos, evitam aparar os cabelos durante períodos determinados, usam colares, adereços etc., “vinculados aos rituais e às crenças religiosas”. Esses elementos visam a afirmar suas identidades étnico-culturais, “[...] fortalecer e confirmar crenças, valores, laços afetivos e práticas sociais” (Livro 6, p. 37-38).

Ao empregar uma definição extraída de um caderno pedagógico do Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (Fonaper), Pozzer menciona a prática da “incorporação” nas religiões afro-brasileiras no sexto volume de *Redescobrimo o universo religioso*. Informa ao leitor que, no candomblé, os orixás manifestam-se em seus fiéis “[...] para fortalecer o *axé* (energia vital) que protege os terreiros e seus membros [...]”; ao passo que, na umbanda, os médiuns incorporam o espírito de alguma entidade ou guia espiritual “[...] para fazer consultas e dar passe [...]” – gestual realizado por meio da

imposição das mãos ou pelo estalar dos dedos em volta do corpo, cuja finalidade é “[...] a movimentação das energias do universo onde as pessoas se dirigem ao espírito” (Livro 5, p. 48, grifo do autor).

Já no quarto volume da mesma *Redescobrimdo o universo religioso*, o foco de um dos temas é a *Iniciação na comunidade religiosa* (Livro 4, p. 12-16). O texto é ilustrado com reproduções fotográficas de um batismo mórmon, de um rito Sikhi (Índia) e de uma *saída de iaô*, cerimônia na qual o indivíduo iniciado na religião dos orixás é apresentado à comunidade na qual um dia filiou-se como membro. A imagem mostra dois filhos-de-santo usando vestes e colares rituais, com seus corpos estirados no chão, batendo palmas (*paô*) no centro do terreiro – local onde, geralmente, estão *plantadas* as substâncias rituais associadas a cada um dos orixás cultuados no candomblé (Livro 4, p. 14-15). Num ritual dessa profundidade, o crânio do iniciado é raspado e pintado com cores simbólicas, assim como outras partes do seu corpo também marcadas com incisões (*curas*) que, além de permitir a *passagem* do orixá, estreitam, na carne, o vínculo com a África mítica (Santos, 2012).

Se na tradição judaico-cristã predomina o sentido de ascese – ascensão ou elevação espiritual da alma rumo aos céus –, nas liturgias afro-brasileiras ocorre o contrário, ou seja, a “descese”, explica o antropólogo José Flávio Pessoa de Barros (Oliveira, 2003, p. 6). São os deuses que *baixam* e se humanizam nos corpos dos seus *duplos* ou filhos-de-santo.¹⁰ A partir desse momento, que abole as fronteiras entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses, os mitos e arquétipos dos orixás serão dramatizados no círculo de danças rituais, revelando, assim, seus domínios, temperamentos e comportamentos: o gesto cortante do guerreiro Ogum; os movimentos que se assemelham a uma caçada liderada por Oxóssi; o desencadear da tempestade Iansã; o ziguezigue dos raios de Xangô; o ondulado dos mares e oceanos de Iemanjá; os braços da esquerda para a direita, com os quais

¹⁰ Para uma compreensão mais ampla sobre o fenômeno da possessão ritual em diferentes religiões afro-brasileiras, recomendam-se muitas leituras, especialmente os ensaios reunidos na coletânea *Corpo e significado* (Leal, 2001).

Obaluaiê, o deus da varíola, simbolicamente varre as doenças do mundo com a sua vassoura de palha e búzios.

Por último, resta mencionar o último enfoque presente em alguns volumes examinados. Referimos-nos agora não mais ao corpo vivo, divinizado, mas à finitude desse mesmo corpo. Além dos rituais fúnebres comuns a cada cultura ou religião, surgem as inevitáveis interrogações em torno da crença na vida após a morte. Em *Viveremos no mesmo corpo?*, Incontri e Bigheto (Livro 10, p. 78) abordam este velho tema com o propósito de discutir “a ideia da ressurreição e a identidade do ser humano como espírito e corpo” entre cristãos, judeus, muçulmanos e nas religiões dos crentes na reencarnação (budismo, hinduísmo, espiritismo). Eles comparam três visões: a dos reencarnacionistas, a dos materialistas e a das religiões monoteístas. Para os primeiros, o corpo não confere identidade ao espírito, pois morremos e retornamos em outros corpos, “[...] e continuamos sempre nós mesmos [...]” (Livro 10, p. 78); para os segundos, nós somos apenas corpo e nada existe além dele, da matéria; entre os monoteístas judeus, cristãos e muçulmanos, predomina a crença de que nós somos tanto espírito quanto corpo (ou carne) e, ao contrário das visões fundamentadas na reencarnação, ressuscitaremos no mesmo corpo, ainda que transformado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se as religiões baseiam-se em crenças, regras de comportamento, condutas etc., e o *corpo* é portador de mensagens (im)perceptíveis, definindo-se como lócus no qual se assentam identidades, pertencas e experiências religiosas, é oportuno indagar se há uma moralidade orientando as percepções sobre corpo nas fontes discutidas neste artigo. Essa indagação ganha ainda mais sentido quando percebemos que os conteúdos examinados apontam ora para temas de interesse mais amplo – a estética da magreza no mundo moderno –, ora para temas de interesse propriamente religioso – entre os quais a centralidade do corpo em diferentes religiões de transe e possessão.

Dada à sua onipresença, inclusive em boa parte dos conteúdos anteriormente expostos – *tudo é corpo*, alguém poderá dizer –, a dimensão corporal dificilmente escaparia aos produtores de livros escolares de ER. Desde os primeiros exemplares consultados, incluindo alguns volumes dirigidos aos estudantes dos primeiros anos do Ensino Fundamental, nota-se a importância dispensada aos cuidados corporais que podem culminar, na juventude e na vida adulta, em comportamentos ou atitudes narcisistas – não por acaso as imagens e referências ao mito de Narciso ilustrando um ou outro capítulo sobre o corpo no mundo contemporâneo. Este enfoque ora associa o corpo humano às transformações físicas, às noções de bem-estar, saúde e doença etc., ora revela-o como agente e instrumento de práticas sociais que reproduzem a *estética magra* valorizada na sociedade moderna, bem como as muitas experiências religiosas.

O mesmo corpo que permite a interação – uma espécie de comunicação com o sagrado e o mundo das religiões – é também o corpo que permite a interação social. Se esse corpo precisa seguir certas normas (de pureza e limpeza) para funcionar como instrumento de comunicação religiosa, ele também precisa seguir certos padrões estéticos em que comportamento e aparência garantem sua aceitação na vida social. O *alerta* presente nos livros didáticos analisados demonstra certa preocupação justamente neste quesito.

Em comum com terapeutas, médicos, nutricionistas, educadores físicos etc., os autores de livros de ER veem o fenômeno do culto ao corpo como um “problema social” causador de angústia, tristeza, autodesvalorização, desânimo, aflição e outros efeitos que acometem as “pessoas sedentas da perfeição corporal” (Livro 3, p. 14). Entretanto, ainda que possamos reconhecer tal preocupação, percebemos que é justamente ao tentar colocar o corpo numa dimensão secundária da existência, que a religião acaba por lhe atribuir papel central em seus ensinamentos. No caso dos livros analisados, por exemplo, ainda que parte deles intencione desqualificar as preocupações exarcebadas em relação ao corpo e assim chamar a atenção dos sujeitos para as preocupações com a alma, o que parece é que isso se torna impraticável na sociedade atual, na qual o corpo ganha imenso destaque. Daí, talvez, a

razão da frequente associação que eles estabelecem entre religião, bem-estar, felicidade e o seu reverso, obviamente. É nesse sentido que percebemos que o corpo passa de inferiorizado a privilegiado no próprio discurso religioso.

Nesse caso, e, para finalizar esta reflexão, o que percebemos é uma transformação na maneira como as instituições religiosas passam a agenciar os corpos de seus seguidores. Tendo acesso aos sujeitos tanto em sua formação religiosa formal quanto em sua formação escolar, a religião passa daquela instituição que cuidava apenas da alma para aquela que interfere diretamente nos cuidados corporais. É como se numa tentativa de se manter presente e continuar ocupando um lugar, ainda que reconfigurado, na vida das pessoas, a religião – via os livros analisados – nos dissesse que é preciso *cuidar da carne sem esquecer do espírito*. Não há como não lembrar que, ironicamente, esta pequena *lição* há pouco tempo seria formulada ao contrário.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. O corpo na teoria antropológica. *Revista de Comunicação e Linguagem*, n. 33, Lisboa, p. 49-66, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional do Livro Didático – PNLD 2013: edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático — PNLD 2013*. Brasília: MEC/SEB, 2013.
- CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. Liberdade Religiosa, Proselitismo ou Ecumenismo: controvérsias acerca da (re) implantação do ensino religioso nas escolas públicas do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, n. 28, 2004, Caxambu. *Anais...* Caxambu, ANPOCS, p. 2-28, 2004.

CORREA, Avelino Antonio; SCHENEIDERS, Amelia. *De mãos dadas: ensino religioso: 6ª série, 7º ano do ensino fundamental*. 8. ed. reform. São Paulo: Scipione, 2007.

CORRÊA, Rosa Lidia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. *Cadernos Cedes*, ano XX, n. 52, p. 11-24, nov. 2000.

CUNHA, Marcos Vinicius da. A escola contra a família. In: *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt; LUI, Janayna Alencar. O ensino religioso e a interpretação da lei. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 27, p. 237-252, jan./jun. 2007.

DINIZ, Debora; LIONÇO, Tatiana. Educação e laicidade. In: DINIZ, Debora; LIONÇO, Tatiana; CARRIÃO, Vanessa. *Laicidade e ensino religioso no Brasil*. Brasília: UNESCO/Letras Livres: EdUnB, 2010.

EDITORA MODERNA. *Entre amigos: ensino religioso: 8º ano*. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

GASBARRO, Nicola. Missões: a civilização cristã em ação. In: MONTERO, Paula. (Org.). *Deus na aldeia*. Missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

GIUMBELLI, Emerson. Ensino Religioso em escolas públicas no Brasil: notas de pesquisa. *Debates do NER* (UFRGS), v. 2, n. 14, p. 50-68, 2008.

GLEYSE, Jacques. A carne e o verbo. In: SOARES, Carmen Lucia. *Pesquisas sobre o corpo: Ciências Humanas e Educação*. Campinas: Autores e Associados, 2007.

HERTZ, Robert. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, n. 6, 1980.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro Cesar. *Todos os jeitos de crer: ensino inter-religioso, 6º ano, v. 1 [Vidas]*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2010.

_____. *Todos os jeitos de crer: ensino inter-religioso*, 8º ano, v. 3 [Tradições]. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2010.

_____. *Todos os jeitos de crer: ensino inter-religioso*, 9º ano, v. 4 [Ideias]. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2010.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2008.

LEAL, Ondina Fachel. *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Bailando com o Senhor”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). *Revista de Antropologia*, v. 46, n. 1, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100001>. Acesso em: 18 dez. 2013.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENEZES, Minervina. *Ensino Religioso Escolar: 1ª série – Ensino Médio*. Campinas: Companhia da Escola, s.d. (Apostila para professor e aluno)

MORAND, Brigitte. Os manuais escolares, mídia de massa e suporte de representações sociais. *Pro-posições*. Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas: v. 23, n. 3 (69), p. 67-86, set./dez. 2012

OLIVEIRA, Gustavo. ‘In corpore’ santo. *Gesto*. Revista do Centro Coreográfico. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal das Culturas/RIOARTE, p. 6-9, dez. 2003.

PEREIRA, Marcos Sidney. *Redescobrimo o universo religioso: educação fundamental; livro do professor*, v. 4, 4. ed. atual. Petrópolis: Vozes, 2011.

POZZER, Adecir. *Redescobrimdo o universo religioso: educação fundamental; livro do professor*, v. 6, 3. ed. atual. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Redescobrimdo o universo religioso: educação fundamental; livro do professor*, v. 8, 3. ed. atual. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Redescobrimdo o universo religioso: educação fundamental; livro do professor*, v. 9, 3. ed. atual. Petrópolis: Vozes, 2011.

RENK, Arlene. Ditadura estética. In: *Dicionário nada convencional: sobre a exclusão no Oeste Catarinense*. Chapecó: Universitária Grifos, 2000.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. *Corpos na escola: (des)compassos entre a educação física e a religião*. Tese (Doutorado em Educação Física)—Universidade Estadual de Campinas, 2013.

SANTOS, Milton Silva dos. Afinal, o que são as religiões afro-brasileiras? In: FELINTO, Renata. (Org.). *Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos*. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012.

VIGARELLO, Georges. Introdução. In: *História do Corpo*. Petrópolis: Vozes, v. 1, 2009.

Recebido em: 20/02/2015

Aprovado em: 03/03/2015